

A Escolarização de Pessoas Surdas

Solange Rocha*

Práticas de Sala de Aula

O processo de escolarização de pessoas privadas do sentido da audição demanda abordagem especial para sua efetiva realização.

O primeiro ponto essencial a ser destacado é do tipo de comunicação que deve estar presente em sala de aula.

Sabemos que a surdez repercute no sujeito justamente na comunicação, no entender e no fazer-se entendido. Ao falar, cada pessoa expressa um entendimento e um nível de relação com o mundo vivido. A língua amplia a consciência e organiza a experiência com o mundo. Nossos alunos são especiais porque esse processo dá-se de maneira diferente dos ouvintes. Muitos são os códigos que os atravessam. Na escola, com amigos surdos, profissionais e familiares que dominam a Língua dos Sinais, comunicam-se através dela. Quando o interlocutor não domina esse código, busca alternativas de comunicação que podem ser a leitura orofacial, a comunicação oral e/ou

escrita, gestos indicativos e português sinalizado. Na realidade, sua interação com o mundo dá-se nesses códigos, o que torna bastante complexa sua escolarização. Complexa sim, mas não impossível. Mesmo não dominando corretamente a LIBRAS¹, o professor pode desenvolver um tipo de dinâmica em sala de aula onde o conhecimento a ser trabalhado não fica impedido de ser realizado.

Observada essa questão da comunicação, sempre a partir daí, o professor pode lançar mão de inúmeros recursos para dinamizar esse encontro e alcançar seus objetivos.

Comunicação é troca, é interação, é processo. As etapas de interiorização, recepção e expressão do ato de comunicar-se podem tornar-se um jogo interessante se respeitadas as diferenças do interlocutor, neste caso, privado do sentido de audição. Essas etapas, como foi mencionado acima, dão-se em vários códigos e o profissional não deve desprezar nenhum deles. A educação com base no construtivismo nos aponta algumas saídas para essas nossas questões. Nossos alunos possuem linguagem interna riquíssima, estão no mundo mergulhados em sistemas de valores que não são diferentes dos nossos. Possuem um grau razoável de informações que o saber formal tem potencial para expandir. O reconhecimento deste aporte é fundamental para a realização de sua escolaridade.

Para o construtivismo, como já é apontado semanticamente, o saber é construído a partir de suas

* Mestre em Educação Especial — UERJ
Pedagoga Especializada em Deficientes da Audio-Comunicação — UERJ
Licenciada e Bacharelada em História — UFF
Professora do INES

¹ LIBRAS — Língua Brasileira de Sinais

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

95/96

36

vivências, de sua experiência como sujeitos do mundo. Identificando seus aspectos cotidianos estaremos mais próximos de nossos objetivos.

Fora da escola, em suas casas, buscam se ocupar como os ouvintes; por exemplo, todos são telespectadores. A televisão está presente em suas vidas e, através dela, o mundo se aproxima nos telejornais, filmes, novelas, esportes, etc. Estão expostos portanto, a todo tipo de informação. Assim, necessitam interagir, co-tejar, experimentar, entender, expandir esses conhecimentos, daí o papel fundamental do professor. Esse saber "informal" deve estar presente em sala de aula, deve ser solicitado, confrontado em todas as disciplinas.

As aulas devem sempre partir de algo que é comum a todos, professores e alunos.

O saber que ele adquire como telespectador deve ser sempre utilizado, em processos remissivos, em salas de aula. Eles possuem um poderoso arquivo imagético que deve ser solicitado sempre que necessário. Um exemplo em aulas de História; se o programa é a ocupação do oeste americano, é só fazer em poucos gestos a identificação de filmes de bang bang, logo todos estarão acessados neste contexto, num telão imaginário que se abre, facultando ao professor a classificação do espaço geográfico, do tempo, das roupas, dos costumes, levando-os a acompanhar a aula com muito mais riqueza de detalhes, com realização conceitual imagética e, sempre que retornarem aos filmes de bang bang, poderão entender todo o contexto da história. Assim sen-

do, o conhecimento estará garantido. As informações obtidas em sala de aula alimentam as da mídia, do saber informal e vice-versa. Tudo adquire sentido, interage com sua linguagem interna.

O professor não deve, jamais, começar uma aula enchendo o quadro de informações, de matéria, em nenhuma disciplina. Ao lançar um conhecimento novo, ao começar uma aula, o professor deverá conversar com seus alunos, contextualizar o conteúdo a ser trabalhado, dar muitos exemplos, questionar, instigar, seduzir. A realização do conhecimento em português escrito deverá necessariamente ser posterior ao entendimento que se dará nas formas que citei acima. Jamais ao contrário. O professor deve construir o texto da matéria trabalhada junto com os alunos, observando os caminhos que essa interação traçou.

Naturalmente que o professor deve entrar em sala de aula sabendo o que quer veicular, com um roteiro prévio, algum suporte escrito para nortear seu trabalho, mas o saber deve ser construído na magia daquele momento único. Por isso, mesmo trabalhando nas mesmas séries, com os mesmos conteúdos, uma aula nunca pode ser igual a outra, porque cada aluno interagir de uma maneira, o que

pode dar inúmeros direcionamentos a uma aula.

Outra questão que nos é muito cara é como avaliarmos os resultados do nosso trabalho. Entendo que a avaliação é um processo minucioso, diário. Os dias formais de provas, forma superada, mas ainda vigente em todo sistema educacional, não devem ser superdimensionados. O professor que trabalha com atenção interativa, tem noção ao longo de todo ano da participação de cada aluno. Como as turmas de alunos surdos, via de regra, não passam de 15 pessoas, fica fácil para o professor acompanhar o desempenho individualmente. De toda maneira, como a avaliação formal é datada e obrigatória, deve-se ter inúmeros cuidados. Todo conteúdo da prova escrita deve estar rigorosamente afinado com o que foi trabalhado em português escrito durante as aulas. As provas, antes de iniciadas, devem ser explicadas, deixando claro ao aluno o que o professor quer em cada questão. As questões devem estar relacionadas umas com as outras, delineando um contexto lógico em toda prova.

A aparência da prova é fundamental, devemos evitar reprodução de desenhos obscuros, sem sentido ou de difícil entendimento, se possível bater a máquina no caso da letra não ser nítida e legível. É importante que todo conhecimento veiculado não fique atrelado em sua aplicabilidade às avaliações. É preciso deixar claro que a prova é um aspecto normal do processo escolar e que o mais importante é que o conhecimento veiculado deságue em sua existência recheando de qualidade sua tão suada cidadania.